

28 de novembro de 2019

Carta aos/às jovens aspirantes a escritores/as

ROSÂNGELA VIEIRA ROCHA

Brasília, DF

Dedicada especialmente
aos estudantes de
Inhapim, MG





COMO DESCOBRIR SE VOCÊ É UM/A ESCRITOR/A?

Somos iguais a todo mundo

É importante frisar que essa dúvida é menos frequente em relação a outras profissões e ofícios. Isso ocorre porque o termo “escritor” é mitificado, ou seja, muitos consideram os escritores/as quase como entes sagrados, diferentes dos “mortais comuns”. Certa vez, um garoto de uns oito anos disse, muito sério, que queria segurar os meus braços para ver se eu era “de carne e osso”, como as outras pessoas. Há muitas crianças no país que nunca tiveram contato pessoal com escritores e, por isso, imaginam que somos diferentes de todos, estamos “acima” dos demais. A boa notícia é que somos pessoas absolutamente comuns, com as mazelas de qualquer ser humano: adoecemos, temos dor de barriga, dor de dente, tropeçamos e machucamos os pés. Ninguém nasce com um carimbo de escritor na testa. Um escritor se forma ao longo do tempo e não é superior a ninguém.

Leitura e escrita são inseparáveis

Quem não for apaixonado por leitura e literatura dificilmente será um/a escritor/a. Narrar foi uma das primeiras atividades do homem desde o início da História: no princípio era o Verbo, diz a Bíblia. Se o estudante gosta só um pouquinho de ler – e apenas de vez em quando –, devia escolher outra profissão ou atividade.

No entanto, se vive às voltas com livros de ficção, não consegue ficar sem ler e gosta de escrever, a situação é outra. Você acha que tem dom para a escrita? Um dos indicativos pode ser a opinião dos/as professores/as sobre suas redações. Eles/as gostam do que você escreve? Elogiam? Você possui domínio da língua portuguesa? O idioma é a primeira “enxada” para dar forma às suas histórias. Tem de estudar as regras, inclusive as gramaticais. Por meio da leitura, você aumenta seu vocabulário e, principalmente, amplia sua visão de mundo. Viaja sem sair do lugar, conhece pessoas diferentes, entra em outros mundos, visita planetas sem sair da Terra. Em síntese, se torna uma pessoa mais empática e interessante, pois consegue se pôr no lugar das personagens e imaginar o que elas sentem. A empatia é fundamental para os/as escritores/as.

O medo de se expor

Escritores/as se expõem muito. Vivem numa espécie de vitrine, pois, por meio dos livros, eles/as mostram bastante do que são, mesmo que não queiram. É um ofício de entrega e generosidade: você vai ficar exposto e sujeito a críticas, positivas e negativas. Para isso, é preciso fibra, coragem, ousadia e humildade. Estar constantemente na vitrine tem um preço e você precisa estar disposto a pagá-lo.

É o momento de começar?

Se você acha que já leu o suficiente, viveu experiências significativas e tem o que contar, é hora de começar a pensar na escrita do livro. Escreveu muitos textos que

não mostrou a ninguém, suas gavetas estão cheias de histórias ou de trechos de casos que valem a pena ser narrados? Aquilo que tem a dizer interessa a outras pessoas? Você se sente pronto para essa etapa?

Um pouco de teoria literária não faz mal a ninguém

Ninguém precisa ser especialista em teoria literária para ser escritor/as, mas não pode desconhecê-la por completo. Você precisa, pelo menos, saber distinguir os gêneros literários, até para ver se sua história fica melhor numa crônica, num conto ou se pode resultar num romance. Não há gênero literário superior ao outro: todos são importantes. Existem autores/as que se dedicaram apenas a um, como o grande cronista Rubem Braga, que escreveu crônicas a vida inteira e goza, anos depois de sua morte, de enorme prestígio. Porém, é comum que autores/as se dediquem a vários gêneros e, alguns/mas, até mesmo a públicos diferentes – como no meu caso, que tenho livros infantojuvenis e adultos. Além disso, há escritores/as, como Julio Cortázar (por exemplo), que, além de contista, escreveu uma teoria do conto – curta e interessante – que vale a pena conhecer. Alguns/mas não querem ser prosadores/as e sim poetas. Nesse caso, é indispensável a leitura das obras de grandes poetas, clássicos e contemporâneos. Entre no mundo da poesia. Mergulhe.

ESCREVENDO O LIVRO

Disciplina

Você se julga pronto/a para escrever seu livro, mas não tem tempo – porque estuda e trabalha? A maioria dos/as escritores/as brasileiros tem empregos ou outras atividades remuneradas, pois é raro alguém viver de literatura e, daqui a pouco, vou dizer o porquê. No entanto, mesmo sendo tão ocupado/a, você sonha em escrever seu livro? Comece. Utilize as “horas roubadas”, escreva à noite e aos finais de semana. Se quiser mesmo ser um/a escritor/a, criará uma rotina que inclua sua necessidade de escrever, mesmo que seu livro demore a ficar pronto, mesmo que escreva poucas páginas semanais. Se não fizer isso, seu livro não existirá. Escreva!

Importância do silêncio

Não saia contando a todo mundo que está escrevendo um livro e falando sobre o assunto; ideias são como joias que guardamos com cuidado. Seus planos podem despertar inveja ou estimular algumas pessoas a darem opiniões, mesmo que você não peça. Sabe uma semente jogada num canteiro? Ela precisa de tempo para germinar e a plantinha só virá depois. Espere, tudo tem seu momento. É um segredo maravilhoso. O seu segredo, só seu, que será contado no momento certo.

Encontrando dificuldades

Você começou a escrever, mas, no meio da história, fica cheio/a de dúvidas. O que fazer com a personagem principal? Como incluir uma nova personagem? Como encaminhar o final? Que final escolher? Nesse momento, talvez seja interessante conversar com uma pessoa de confiança, mais experiente que você. Pode ser um/uma parente, mas o ideal seria um/uma professor/a amigo/a, alguém com quem você se sinta à vontade para discutir o assunto e que já tenha lido bastante. Outra atitude que pode ser útil é parar um pouco, esperar uns dias e retomar. Suas dúvidas podem ser fruto do cansaço.

Pesquise

A escrita está adiantada, mas você não se sente seguro/a sobre a profissão de uma das personagens, por exemplo. É um dentista e você sabe pouco sobre odontologia. Pare tudo e leia o que puder sobre o assunto, entenda que ferramentas um dentista usa, o nome dos dentes, enfim, precisa criar um dentista que pareça de verdade. Isso se chama verossimilhança – os elementos podem ser fruto da imaginação, mas precisam ser coerentes.

Escrever é reescrever

Você pode chegar à conclusão de que não escreveu o que queria ou que o texto está mal escrito. Reescreva-o quantas vezes forem necessárias. Capítulos, o texto todo,

não importa. Não apague o que escreveu, guarde tudo, mas escreva novamente. Não tenha preguiça e nem se “agarre” a páginas prontas. Lembre-se que o texto é seu e que você tem de escrevê-lo da melhor maneira possível. Não copie e nem imite outros/as escritores/as. Plágio é crime e imitar outros/as é uma atitude que não está à sua altura, você não precisa disso.

Finalizando o livro

O texto foi reescrito várias vezes e você ficou satisfeito/a com o resultado. Lembre-se que, dificilmente, um/a autor/a quer dar o texto por terminado – principalmente se for perfeccionista – mas chega o momento de colocar o ponto final. Você sabe que não consegue fazer melhor, fez o que estava ao seu alcance. Termine. Existem escritores que nunca acabam suas histórias por causa de seus ideais de perfeição, mas você vai terminar a sua porque sente que chegou o momento.

Hora de revisar

É muito importante não ser o/a único/a revisor/a de seus originais, mesmo que você seja excelente em língua portuguesa. Sempre gostei de contratar revisores/as profissionais, pois ao/à autor/a escapam erros em seu próprio texto. De tanto pelear, às vezes sei de cor alguns trechos e não consigo mais ver incorreções. Isso varia de escritor/a para escritor/a, mas vale a pena submeter seus originais a outra pessoa que faça uma revisão de língua portuguesa.

Opiniões sobre os originais

Seu texto foi revisado e não tem mais erros de português, mas você gostaria de saber a opinião de algumas pessoas sobre o conteúdo, antes de pensar na publicação. Afinal, é seu primeiro livro; isso é natural. Atualmente, há profissionais – alguns muito bons e outros nem tanto – que fazem leitura crítica de seu material e cobram por isso. Não é difícil encontrá-los, basta pesquisar no Google ou nas redes sociais. No entanto, se você não tem dinheiro para pagar por esse serviço – embora não seja a melhor solução –, pode recorrer a algum/a professor/a ou amigo/a. Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel de Literatura, mostrava seus originais a um grupo de sete ou oito amigos que discutiam as histórias com ele. Esse grupo sortudo era formado por amigos de infância e juventude.

Nessa etapa, você precisa tomar algumas precauções:

- a) evitar mostrar o texto a pessoas próximas demais (pais, por exemplo) que talvez não tenham capacidade, distanciamento ou coragem para apontar falhas e defeitos e nem consigam percebê-los, com a ideia de que assim o/a “protegem” de decepções;
- b) se resolver mostrar, não mostre apenas a eles, inclua outras pessoas nessa lista;
- c) escolha cuidadosamente essas pessoas. Esse assunto é muito sério e você deve se precaver. Por mais que gostem de você, amigos podem sentir inveja de sua produção, não sendo inteiramente sinceros na análise. Podem, ainda, querer descontar alguma mágoa antiga, da qual você nem se lembra mais. O contrário também pode ocorrer, isto é, gostam tanto de você que têm medo de feri-lo/a (o mesmo fato se dá com irmãos, às vezes).

Tente agir da maneira mais racional possível, lembrando sempre que seu livro não é você. Por mais importante que seja, por mais que tenha se esforçado na escrita, um livro é apenas um livro. É de papel. Uma só pessoa pode escrever vários. Não gostar do seu texto não significa não te amar, tenha isso em mente o tempo todo. Pense que, se você pediu a opinião deles/as, deve levá-las em conta, até para discordar. Não use o tempo das outras pessoas em vão. Ouça com humildade, mas não se deixe levar por ideias que não têm relação com o texto. Cada leitor/a lê uma história diferente, embora seja a mesma. Por quê? Porque a leitura é influenciada por tudo que o/a leitor/a pensa, acredita, sonha.

Comigo ocorreu um caso curioso: mostrei os originais de um livro a um amigo. Minha personagem principal era uma jovem de dezessete anos. Ao final, ele me disse que gostaria de ler uma história com uma personagem principal masculina de setenta anos. Fiquei estarelecida, mas pensei: bem, o que ele quer então é outra história, é outro livro e não o meu. Se quer tanto assim, ele que escreva. Seja firme, defenda suas personagens, mas ao mesmo tempo permaneça flexível para aceitar opiniões contrárias às suas ou inteiramente diferentes. Reflita depois sozinho/a o tempo que for necessário, ouça sua própria voz. Mesmo não concordando com esses/as amigos/as leitores/as, agradeça a contribuição de todos que lhe ofereceram seu tempo e sua atenção. Não saia do seu próprio centro, sob nenhuma hipótese. Fique na sua. As decisões finais cabem a você, que vai assinar o livro e arcar com os resultados, bons ou maus. É o seu nome que está em jogo. O seu e o de ninguém mais.

PUBLICAÇÃO À VISTA

Concursos literários

Todos os anos há concursos literários para textos inéditos, portanto, pesquise em quais sua história se enquadra (se o concurso for de contos, não há como concorrer com crônicas, por exemplo). Nesses concursos, o texto não é assinado, eles pedem pseudônimos (nomes inventados). Muitas pessoas podem desanimá-lo/a, dizendo que não são sérios. Já participei de várias comissões julgadoras e sei que a imensa maioria é séria, sim. Vale a pena tentar, antes de sair buscando editoras. Geralmente, o prêmio é a publicação e, às vezes, há algum valor em dinheiro, mas o mais importante é a oportunidade de publicar gratuitamente. Além disso, um primeiro livro premiado abre portas para o/a autor/a. Inscreva-se no período estipulado no edital do concurso e tente esquecer a data da divulgação do resultado, para não ficar só pensando no assunto. Comece a rascunhar outros trabalhos. Seu pensamento constante não irá modificar o resultado.

Editoras

Você decidiu não participar de nenhum concurso ou infelizmente seus originais não foram classificados, o que só descobriu depois de meses de espera. Então, terá de buscar uma editora que o/a agrade e que aceite publicar seu trabalho. Nos anos oitenta, quando comecei a escrever, era muito mais difícil: praticamente só havia as

editoras consagradas no mercado e era quase impossível um estreante ter acesso a elas. Mandavam-se originais, que nem lidos eram, em sua maioria. Esperei anos para publicar meu segundo livro.

Entretanto, houve uma grande mudança no mercado nos últimos tempos e, agora, existem editoras menores, as chamadas “independentes”, cujo acesso é mais fácil. Grande parte delas trabalha por demanda, isto é, você paga um valor não muito alto e depois vai adquirindo da editora exemplares do seu livro, aos poucos: 20, 30 exemplares de cada vez. Geralmente fazem desconto para o/a autor/a. Entre as independentes, há também as que não exigem valor inicial nenhum e vão vendendo as pequenas tiragens para você. Nessas categorias de editoras, raramente há venda em livrarias. Elas comercializam os livros através de sites eletrônicos e para o/a autor/a. Há ainda outro tipo de editora, com modalidades diferentes: o/a autor/a pode pagar a tiragem inteira (que significa o número total de exemplares como, por exemplo, 300, 500), e vendê-los praticamente sozinho/a; ou então elas e o/a autor/a pagam 50% cada um/a. Vendem também em seus sites. Saiba que vender livros é muito mais difícil que vender batons, pois o/a autor/a tem de pôr a mão na massa e vender, ele/a mesmo/a, os seus exemplares, um a um. É difícil, mas não impossível. Para isso, temos as redes sociais, os lançamentos, os/as amigos/as que compram.

Mesmo as editoras em que você entra com dinheiro fazem uma análise de seus originais antes. A maioria avalia a qualidade. Nessa etapa, é interessante procurar com cuidado, talvez até contatar pessoas que publicaram por essas editoras, enfim, ver em que terreno se está pisando e se vale a pena. A internet facilitou essa busca.

Imagine quando não tínhamos internet? Era muito mais complicado. Depois de publicado, você mesmo/a pode deixar exemplares (poucos) do livro em consignação, em livrarias que conhece. Isso significa que, se venderem, elas lhe repassarão parte do valor. É importante frisar que poucas aceitam trabalhar dessa maneira atualmente. O que vale é saber que o mercado editorial está se transformando e a cada dia surgem novas ideias. Fique atento/a. Informe-se.

Contratos de edição

A editora escolhida lhe envia um contrato de edição. Leia-o com cuidado. O valor de direitos autorais (que cabem ao autor) é de até 10% do preço de capa. Se um livro custa R\$50, por exemplo, o máximo que você recebe por livro vendido é R\$5. É um valor pequeno, certamente. A cadeia do livro envolve muita gente: editores/as, revisores/as, capistas/as, ilustradores/as, tradutores/as (às vezes) e, quando os livros são expostos em livrarias, os/as livreiros/as. É por isso que as editoras independentes não conseguem colocar seus livros nas livrarias, pois não têm dinheiro para isso. Por sua vez, as livrarias têm de pagar contas como aluguel, luz, água, além de seus funcionários. Há várias livrarias sendo fechadas no momento, e o mercado está vivendo uma crise e se modificando. Atualize-se, leia sobre esse assunto, descubra as novidades do setor. Não espere ninguém. Vá à luta!

Discutindo capa e formato

Resolvidas as questões do contrato, depois de pronto o chamado “miolo” do livro, a editora envia o texto final para a sua revisão. É um momento muito importante, em que a capa também está sendo escolhida. Não aceite qualquer proposta de capa. Uma capa ruim, feia, mal pensada, prejudica o livro como produto. Converse com o/a editor/a, dê sugestões, apresente suas ideias, contate o/a capista, se for possível. O/A autor/a tem de gostar da capa, que é uma espécie de “embalagem” do conteúdo.

Boas maneiras

Não fale mal de sua editora em público. Você pode não estar satisfeito/a e ter razões para isso, mas procure o/a seu/sua editor/a e fale diretamente com ele/a. Uma das coisas mais feias do mundo é postar textos, nas redes sociais, desfavoráveis à sua editora. Não seja essa pessoa. Você fechará portas na sua própria editora e nas outras. É a maneira mais fácil de se “queimar” no mercado editorial.

LIVRO IMPRESSO PRONTO

Lançamento

É a apresentação da obra ao público. Seu livro passou pela revisão da editora, saiu da gráfica e os primeiros exemplares chegaram. É uma emoção mágica quando o livro surge diante dos nossos olhos. Toque-o, sinta o cheiro do papel. Aproveite esse momento, um dos melhores do processo. É a concretização de um sonho e, por isso, deve ser comemorado. Você deve estar ansioso/a, isso é muito comum. Pode fazer vários lançamentos, em cidades diferentes. É um evento que reúne amigos/as, família, seus/suas professores/as. O/A autor/a dá autógrafos (dedica o livro às pessoas), tira fotos, festeja. É a melhor oportunidade para as vendas. Geralmente, alguém se encarrega de receber os valores (um parente, um amigo). Faz falta uma máquina eletrônica, que passa cartão. Em cidades pequenas nem tanto, por ser mais comum o uso de cheques.

Envio dos livros aos críticos

Lançado o livro, você deve enviar (gratuitamente) alguns exemplares aos/as críticos/as e resenhistas. Quanto maior o número de resenhas, mais visibilidade o livro terá. Mas não é qualquer resenha, existem tipos diferentes de crítica. Em décadas anteriores, quando o jornal impresso estava no auge, geralmente eles tinham suplementos literários – com críticos profissionais, bem preparados, conhecidos em

todo o país. Os suplementos foram desaparecendo e os próprios jornais impressos entraram em crise, com a ascensão do jornalismo eletrônico. Há bons/boas críticos/as que têm blogs literários. Pesquise e veja que blogs interessam, quantas visitas mensais recebem, se são lidos; olhe o currículo do/a crítico/a, quantas obras já resenhou, leia textos de sua autoria.

O livro não é mais seu

Você continua a ser o/a autor/a pela vida inteira, mas cada pessoa tem o direito de pensar o que quiser sobre seu livro. Após enviar exemplares aos/as críticos/as, não fique cobrando. Eles são muito ocupados e podem fazer ou não a resenha de sua obra. Alguns fazem entrevista escrita, em vez de resenha, e enviam perguntas a que você deverá responder logo e de maneira cuidadosa. Sua imagem como escritor/a está começando a ser criada e tudo que você disser é importante.

A primeira resenha

Há autores/as que tremem quando sai a primeira resenha. Não é para menos. Uma ideia que você deve levar em conta é a de que não existe unanimidade no mundo. Mesmo livros muito elogiados pela crítica não são igualmente apreciados. Muitos se calam por constrangimento, para não discordar dos/as colegas. Você pode ser agraciado/a com uma excelente primeira resenha, e isso é ótimo, mas nem sempre as coisas são tão simples. Já publiquei um livro que desagradou ao primeiro crítico e a resenha

foi depreciativa. Na época fiquei magoada, pois havia um trecho que considerei ferino, dizendo que “nem todo mundo é Clarice Lispector ou Lygia Fagundes Telles”. Pareceu-me maldade comparar uma estreante com duas divas consagradas da literatura brasileira. Para piorar as coisas, a frase veio com destaque no jornal. No entanto, a sensação desagradável passou, tudo passa, e continuei escrevendo. Tive muitas experiências negativas e positivas com a crítica especializada. As positivas foram em maior número, felizmente. Aprendi duas coisas importantes, que nunca mais esqueci:

- a) não discutir com resenhistas. Eles/as têm o direito de expressar suas opiniões sobre a obra, que, repito, é pública; mesmo descontente, o correto é ficar calado/a;
- b) é preciso tomar providências no caso – muito raro – de o/a crítico/a ofender o/a autor/a pessoalmente. Uma coisa é analisar o livro e outra é falar mal da pessoa, do ser humano.

Os comentários dos leitores

Passada a primeira semana após o lançamento do livro, leitores/as começam a enviar comentários. Alguns são elogiosos e o/a autor/a fica feliz com o êxito alcançado. Outros nem tanto, embora respeitosos, se detendo exclusivamente na obra. Você anota tudo, para análise futura. Agradeça a todos/as e não discuta.

Entretanto, existe um tipo de comentário cujo objetivo o/a autor/a não entende bem, pelo menos em um primeiro momento. Nesse caso, preste mais atenção na maneira

como foi escrito ou dito do que propriamente no conteúdo. Vou dar um exemplo apenas, embora tenha dúzias, a fim de aclarar a situação: com voz meio artificial e muito doce, a pessoa – a quem você não pediu opinião nenhuma – pode começar dizendo “olhe, não quero magoá-lo/a, mas...” (Quando isso é dito desse jeito, você já pode saber que vem mágoa pela frente). E prossegue: “na página 34, há um erro de digitação, na 64 a palavra ‘beterraba’ foi trocada por ‘mandioca’, na 88 há um erro de ortografia e...”. Repare que a pessoa nada comentou sobre o conteúdo do livro – que é o que interessa, afinal – e aponta elementos menos importantes, ninharias. Inclusive, porque você já viu isso, não é novidade alguma: geralmente o/a autor/a é o primeiro a saber dos erros e não tem responsabilidade sobre eles. Foi um problema de edição e da gráfica e o/a autor/a já perdeu uma ou duas noites de sono de tanta decepção, mas sabe que não tem jeito de consertar. A tendência é sentir raiva e há motivo para isso.

Ora, se ninguém está pensando em segunda edição, se há tantos exemplares ainda, para que saber isso agora? Adianta para quem e para quê? Contudo há que se levar em conta, sempre, a seguinte questão: quando a pessoa faz esse comentário, de quem fala e o que fala, exatamente? Tem a ver com você? É coisa sua? Isso lhe pertence? Essa emoção é sua? O que você e o seu livro têm a ver com isso? Como você não é vidente e não tem obrigação de saber o motivo dessa atitude, provavelmente motivada pela competição ou pela inveja, não especule. Agradeça formalmente, corte o assunto, minimize sua importância, mude o rumo da conversa e deixe essa emoção passar por você, a seu redor, mas feche seu coração para ela. Devolva-a para quem a trouxe. Sei que não é fácil, mas é a única maneira de lidar com comentários maliciosos. A própria

pessoa pode até não ter consciência do que faz, mas isso não é problema seu. Com consciência ou sem ela, o resultado é o mesmo. Não há nada de positivo, nada que se aproveite aí.

O silêncio dos leitores

Outro assunto que pode causar estranheza aos/as jovens autores/as é o silêncio. A pessoa foi ao lançamento, você sabe que comprou o livro, você já se encontrou com ela várias vezes e ela nada disse sobre o assunto. Isso pode ocorrer por vários motivos:

- a) ainda não leu o livro e não tem o que dizer;
- b) leu mas não gostou e não quer falar no assunto;
- c) leu e não entendeu, ainda está pensando e não tem opinião formada sobre a obra;
- d) leu, gostou, mas, por razões desconhecidas, não quer confessar. De novo, não pergunte e não especule. Lembre-se que o livro é dela e ela pode agir como quiser. Não crie saias justas para os outros e nem force a barra. Fique na sua. Se e quando ela quiser falar, falará. Você fez seu trabalho da melhor maneira que sabia e podia. Agora não é mais com você.

O MEIO LITERÁRIO É PIOR QUE OS OUTROS?

Depois de tantas questões, o/a jovem pode estar se perguntando se o meio literário é ruim, se vale mesmo a pena escrever. O que posso dizer é que não é pior nem melhor que nenhum outro meio profissional. Fazer arte no Brasil não é fácil, a leitura ainda não é um hábito do nosso povo e isso aumenta a concorrência. Temos poucos “consumidores” de arte. Já ouvi dizer que no meio musical as coisas são ainda mais difíceis. Não sei se é verdade. Além disso, voltamos à questão comentada no início deste texto: como muitas pessoas imaginam que escritores/as possuem uma aura diferente da dos outros, é natural que seja um ofício cobiçado. Sabemos que não é verdade, mas no imaginário da população funciona assim.

É POSSÍVEL VIVER DA ESCRITA?

Depende. Se estamos tratando de escrita de ficção, é extremamente difícil. Como visto, o valor dos direitos autorais é muito pequeno. Escritores como Jorge Amado, cujas obras foram traduzidas para dezenas de idiomas, conseguiram. E há o caso muito comentado de Paulo Coelho, que ficou riquíssimo com a venda de seus livros. A notícia ruim é que casos assim são exceções, mas a boa é que há atividades paralelas à da escrita de ficção, tais como tradução de originais – para os/as escritores/as que sabem línguas estrangeiras –, cursos, oficinas, palestras, participação em feiras literárias, entre outras. Esse mercado é pequeno, mas existe. A maioria, no entanto, tem um emprego formal. Fui professora universitária por décadas, até me aposentar. Há escritores/as exercendo muitas profissões: bancários/as, médicos/as, dentistas, advogados/as, comerciantes. A lista é extensa.

VOCÊ É MESMO UM ESCRITOR?

Se chegou até aqui sem desanimar, creio que estamos diante de um/a escritor/a. Só me cabe lhe dar as boas vindas e dizer que escrever é a melhor coisa do mundo. Para mim, é. Não leve ao pé da letra minhas palavras, pois essas são minhas opiniões e, portanto, subjetivas. Procurei lhe transmitir o que aprendi nesses anos todos e o fiz com sinceridade e carinho. Cada experiência é diferente da outra. O que ofereço aqui é uma síntese da minha.

Rosângela Vieira Rocha

é mineira de Inhapim (15 de janeiro de 1953) e mora em Brasília, DF, desde 1968. Formou-se em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB) e, mais tarde, em Direito pela Faculdade Católica de Salvador. É mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Trabalhou em diversos órgãos do governo federal. Foi professora universitária na capital baiana por alguns anos. Em 1998, retornou a Brasília como professora da UnB. Em 1990 publicou seu primeiro livro, *Véspera de lua*, primeiro lugar no Prêmio Nacional de Literatura Editora UFMG. Com *Rio das pedras* ficou entre os dez finalistas da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, obteve menção especial no prêmio Graciliano Ramos e a Bolsa Brasília de Produção Literária 2001. Estreou como contista na *Antologia do Conto Brasiliense* (Projecto/Livraria Suspensa, 2004) e figura também na antologia *Mais trinta mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record, 2005), entre várias outras. Lançou ainda os livros *Pupilas ovas* (LGE, 2005), *A festa de Tati* (Franco Editora, 2008), *Fome de rosas* (FAC/Nossa Cidade, 2009), *Dias de santos e heróis* (Prumo, 2009), *Três contra um* (Franco Editora, 2011), *Nem tudo foi carnaval* (RHJ, 2012), *Janaína, a bailarina* (Franco Editora, 2012), *O macuco Felício* (Cortez, 2014), *O vestido da condessa* (Franco Editora, 2014), *O indizível sentido do amor* (Patuá, 2017), *Nenhum espelho reflete seu rosto* (Arribaçã, 2019). É colunista de revistas de cultura, como a digital *Germina*, e participou de várias comissões de concursos e prêmios literários.

A ideia de escrever este texto nasceu de visitas a escolas públicas e particulares de diversas regiões do país, especialmente no entorno do DF e nos estados de Goiás e Minas Gerais. Como escrevo também livros infantojuvenis, conversei com crianças e jovens de todas as faixas etárias – principalmente a partir dos oito anos – e observei que algumas questões são recorrentes nesses encontros. Por isso, resolvi agrupá-las e discuti-las, a fim de oferecer minha contribuição a um público maior. Para não cansar o jovem leitor – e pela extensão dos temas –, o texto é dividido em pequenos tópicos.

Esta Carta foi publicada na revista eletrônica “Ruído Manifesto” em 2019. Em 2020 foi cedida pela autora para a LED Editora-Laboratório do CEFET-MG. Estamos gratas a Rosângela Vieira Rocha.



projeto gráfico-editorial e diagramação

Ana Elisa Ribeiro
Letícia Santana Gomes

assistentes editoriais

Iara Mendes
Luanna Lucchesi

revisão de texto

Luana Sá
Marsília de Cássia
Sofia Ludgero Drumond

urban sketch

Alexandre Jr.

impressão

CEFET-MG (miolo)
Impressões de Minas (envelope)

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

diretor-geral

Prof. Dr. Flávio Antônio dos Santos

vice-diretora

Profa. Dra. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

chefe

Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva

chefe adjunto

Prof. Dr. Marcos Racilan

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

coordenador

Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva

coordenadora adjunta

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS – TECNOLOGIAS DA EDIÇÃO

coordenador

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

coordenador adjunto

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

REALIZAÇÃO



POSLING
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS DE LINGUAGENS



LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias da Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

